

de o tirar à força de dentro de si para o ver e o beijar muito.

E o pai? lembrou-se um dia. Deveria dizer-lhe alguma coisa?

Tinha voltado a vê-lo nos primeiros dias depois daquela tarde horrível, chegar-se a ela com os ares de dono que o homem toma para a mulher que já lhe pertenceu. Mas ela escorraçou-o, fê-lo afastar com a cabeça alta e um risinho pulha a acompanhar a frase: se querem vêr, a honestidade!

Não, não lhe diria nada. Que tinha êle de comum com o seu filho? Ser pai é apenas partilhar dos gosos do acto gerador?—Não isso é só ser reprodutor, como um cavalo.

Uma alegria impetuosa, nova, infantil, enchia-a. Na escola corria, brincava como uma criança.

Em casa metia-se no quarto a cantar e a fazer roupinhas pequeninas que guardava cuidadosamente na mala.

A irmã andava desconfiada. E o pequeno ser veio à luz do dia.

Encheu-a uma alegria extraordinária. Aquelas conversas infundáveis com o pequenino occulto, a mexer-se dentro de si, invisível, agora tomavam um objectivo visível, que podia beijar e levantar nos braços fracos.

A irmã demorava-se pouco tempo junto dela, atirando-lhe uns olhares ásperos de censura.

E assim se passavam os dias, estendida na cama, com a filhinha ao lado, a contar-lhe incríveis histórias convencida de que as compreenderia, a rimar felicidades enormes para o seu futuro.

Sentia, no entanto, a falta de alguém que olhasse a sua filhinha e fosse feliz com vê-la, compartilhasse daquela alegria, a poderosa alegria biológica de ser mãe.

Quando se sentiu melhor começou a costurar minúsculas roupinhas, sem parar aquelas conversas intermináveis, cortadas de gritinhos e beijos, que a extenuavam.

Quando se levantou o cunhado, que nunca a visitara desde que ela caíra na cama, achou que *aquilo* era uma pouca vergonha, um enxovalho para a reputação honesta da sua casa e pô-la na rua.

*Aquilo* era o facto de ter sido mãe.

Meteram-na em uma pensão. Ali a vida era ainda mais triste, num quarto abafado com grandes fendas nas paredes. A criada vinha trazer-lhe as refeições: não falava senão com ela: sim, gosto do cozido; a menina, está melhor muito obrigada; eu sinto-me ainda muito fraca, obrigada.

Passava dias inteiros pelo quarto estreito, não tinha coragem de entrar na sala de jantar, ver os comensais, tinha medo dos homens.

Um dia chegou a resposta da mãe, a cheirar a giestas e perfume de prados verdes.

Ela quiz partir imediatamente para a casa paterna, encontrar o carinho dedicado dos dois bons velhinhos.

Mas pensou e escreveu primeiro. Ai estava a carta da mãe: que não fôsse, o pai tinha-a amaldiçoado, e a mãe em frases horrorosamente frias, dizia-lhe que as cidades eram más para as raparigas novas, mas que parecia impossível que ela chegasse àquela pouca vergonha de ser de quem a queria, tendo por conselheira tão boa irmã. E acabava: é porque és uma cabra e não te pareces aos teus, vergonha dos olhos da minha cara.

Passou o dia inteiro a chorar.

Tinha que contar só consigo para a luta.

Pensou nessas coisas sólidas da vida, como a amizade e o amor. O que seria o amor? Aquilo que se passou entre ela e o rapaz loiro naquele quarto da mulher gorda? (e afastava esta lembrança com repulsa).

A amizade de sua mãe! Tantos anos juntas, tantas dores teria passado por sua causa quando ela era pequenina, para tudo se desfazer com um miserável pedaço de papel sujo de tinta.

E relia muitas vezes a carta da mãe. As palavras eram duma frieza horrível, como se a mãe as tivesse ditado depois de morta.

E imaginava o rosto crispado da velha (antes teria pensado: velhinha) a ditar a carta a Tereza, a vizinha: já está? és uma cabra, foi isso que escreveste?

O pai quando ouviu ler a sua carta, pôs-se a olhar para a pedra do lar, era à noite, à hora do correio, no fim disse muito vermelho: amaldiçoada! má filha! Devia ter sido mesmo assim, com os olhos pequeninos faliscantes, como naquela noite em que voltou da feira enganado, tendo comprado por um preço exorbitante um vitelo zembro.

Quando voltou à escola já lá estava outra professora a substituí-la, tinha sido demitida, e quando ia para beijar os seus antigos alunos, estes afastavam-se com umas carinhas sérias de repreensão.

Era só e tinha de lutar. Era preciso trabalhar para si e para a filhinha.

As economias estavam a esgotar-se. Poupava centavo a centavo: lá no fundo da escuridão da sua vida, aparecia-lhe um espectro horrível:—a rua.

Ao fim de muitas procuras,

de andar de casa em casa a oferecer-se para todos os serviços desde dama de companhia até modista de chapéus, a dona da pensão conseguiu empregá-la numa cervejaria dum irmão viúvo.

Mesmo aí lhe apontaram o inconveniente que a impediu de colocar-se em outras casas: a filha. Ao menos que nunca pensasse em trazer-la alguma vez consigo.

Começou então outra luta: contra os homens.

Perseguiam-na, diziam-lhe que tinha uns olhos admiráveis e uns seios que deviam ser quentes desnudados.

Os bêbados aproximavam-se muito dela, com um bafo nojento de digestão e de cerveja e faziam-lhe convites indecentes.

A' noite, quando voltava tarde para casa, os vadios elegantes perseguiam-na, chegavam a meter o braço no seu, e um mais atrevido uma noite de chuva, apertou-a muito e deu-lhe um beijo na boca.

A' tarde, até às 5, a cervejaria estava vazia; tinha então tempo de pensar.

Um dia comprou um livro: gostou muito: falava em força de vontade, um homem que conseguiu tudo o que queria porque era forte e sabia dominar os outros.

E teve então uma ambição: ser forte como aquele homem.

O comensal que comia na mesa ao lado da sua, e que era estudante de letras, ofereceu-lhe bons livros para ela ler. Aceitou. Algum tempo depois descobriu que não era com um fim de auxílio humano e por bondade que êle lhe emprestava os livros. Atrás dêste propósito, como atrás de todos os aparentes benefícios dos homens estava escondido o mesmo fim cínico, persistente, malvado: a caça à mulher. E odiou todos os homens, todos os seus processos miseráveis e repugnantes com que eles criam esta atmosfera de desconfiança e hipocrisia que substitue entre os sexos uma camaradagem sincera e aberta.

E odiando a vida real, pôs-se a viver a vida bela dos livros que preferia: o livro é ainda o único amigo de quem sofre: não tem os risinhos e as caras sérias e a petulância conselheiral dos nossos amigos íntimos.

Criar um amigo é fazer um déspota de nós próprios que quere saber tudo da nossa vida para depois nos lembrar os remorsos do que fizemos e a cobardia do que não pudemos fazer. Um livro não nos pede nada, entrega-nos tudo o que tem sem aquele sorriso insuportável de quem espera

uma cara reconhecida e um—muito obrigado.

Foi assim que nos livros aprendeu a viver.

Ensinaram-lhe a ser boa e orgulhosa de si, a ver no homem um ser igual e companheiro para a luta da vida, a ser independente e a comer o pão ganho nas dificuldades do seu trabalho. Aprendeu a dominar pela astúcia e pela inteligência.

A sua vida tomava um rumo cada vez mais firme.

Agora, com 26 anos, sentia-se madura, pronta para um grande amor: Ele que viesse.

A filha, tinha sido talvez um capricho de nervos ansiosos de amor que dera naquella aventura estúpida.

Mas a mãe a via doidamente essa criança alegre, que crescia dia a dia e lhe enchia a boca de beijos e contentamento. E era o bastante. A vida é tão curta que não dá tempo para olhar para trás e raciocinar: a Vida é o que está por viver, é o Futuro.

E assim ela caminhava pela vida fora, audaciosa e alegre, de cabeça erguida como um Homem.

Quando à noite voltava a casa cansada, perseguida por contrariedades e pelo patrão viúvo que dizia que queria casar com ela, amparava-se nos sorrisos da filhinha e fortificava-se na sua decisão: tenho de vencer!

A sua filhinha encantava-a; encantava-a a sua própria ternura por ela, a sua dedicação carinhosa, e perguntava-se muitas vezes como é que um ser pode prender-se tanto a outro, a ponto de sacrificar tudo por êle, de depender duma vida estranha ao seu corpo.

Havia de fazer dela uma mulher à altura da vida (há tanta gente que vive abaixo do nível da vida bela que deve ser!), havia de tirar-lhe as dificuldades que ela encontrou no caminho; sem estas dificuldades, a sua filhinha chegaria a uma vida superior que as suas forças gastas não podiam já alcançar.

Perdem-se tantos esforços em remover obstáculos inúteis!

E' preciso tanta coragem tenaz, tanto sofrimento, tanta vontade decidida para uma fêmea ser uma mulher!

Parece que tudo a persegue, a ouere esmagar e atar o seu esforço na esterilidade dos beijos inúteis e saborosos.

A sua filha! havia de ser tão livre, tão inteligente, tão decidida como um Homem—o mais corajoso dos homens. Depois tapava-lhe o corpo pequenino e adormecia.

Ao outro dia levantava-se e ia para o trabalho.

